

ATIVIDADE DE PORTUGUÊS

Professora:

Série/Ano: 8º Ano

Aluno(a):

Turma:

Data:

Todas as atividades abaixo estão no livro didático Português, Singular e Plural 8º Ano, Baltasar, Marisa; Shirley Goulart. Editora Moderna, 2018. Acompanhe a página.

Leia os textos abaixo para resolver as questões.

PÁGINA 33 DO LIVRO DIDÁTICO

TEXTO 1

DOYLE, Mike. Casa abandonada. 2011. Obra elaborada pelo artista Mike Doyle unicamente com peças de Lego (mais de 50.000), em 2011. Ela tem 12,7 cm x 7,62 cm x 5,08 cm e sofreu retoques por computador apenas para realce das cores. O artista levou aproximadamente 450 horas para construí-la. Coleção particular.



Quem é?



Mike Doyle, 2010.

Mike Doyle, designer gráfico que faz arte com brinquedos, inspirado na arquitetura das mansões vitorianas, construiu essa casa de Lego. Ela parece tão real que quase não se percebe que foi feita com as pecinhas do brinquedo.

Visite o blog do artista: <<http://mdoyle.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Clípe

A Era Vitoriana (1837-1901) marca acentuado crescimento da economia inglesa, com reflexo na arquitetura e em suas construções. Diversas mansões vitorianas foram cenários inspiradores para muitos enigmas e mistérios da literatura da época, especialmente em narrativas cinematográficas.



Casa em estilo vitoriano, em Nova York, 2018.

TEXTO 2

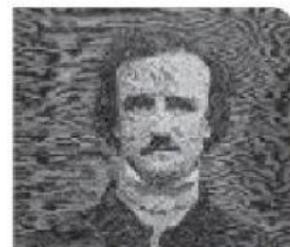
O texto a seguir é um trecho do conto fantástico “A queda da Casa de Usher”, de Edgar Allan Poe. O narrador, que não é nomeado, recebe uma carta de um antigo colega de escola, chamado Roderick Usher. Na carta, Roderick conta que está muito doente e que por isso gostaria de receber a visita do colega. Este trecho é o momento em que o narrador chega e vai se aproximando da casa do colega.

A queda da Casa de Usher

Durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo singularmente triste, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinham, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi — mas, ao primeiro olhar que lancei ao edifício, uma sensação de insuportável angústia invadiu o meu espírito [...]. Olhei para a cena que se abria diante de mim — para a casa simples e para a simples paisagem do domínio — para as paredes frias — para as janelas paradas como olhos vidrados — para algumas moitas de juncos — e para uns troncos alvacentos de árvores mortas — com uma enorme depressão mental [...]. Que era — pensava eu, imóvel — que era isso que tanto me atormentava na contemplação da Casa de Usher? Era um mistério inteiramente impenetrável; também não consegui compreender as ideias nebulosas que me assaltaram.

POE, Edgar Allan. Disponível em: <<https://www.ifpb.edu.br/itaporanga/noticias/2018/04/alunos-e-autores/contos-de-terror-2o-ano-itaporanga.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

Quem é?



COLE, Timothy. *Edgar Allan Poe*. Gravura. Século XIX.

Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor estadunidense, dono de grande capacidade analítica, escreveu contos que serviram de base para o gênero policial e de mistério difundido no século XX. Também deixou textos nos campos da estética, da crítica e da teoria literária. Sua obra teve grande importância para a renovação literária europeia no final do século XIX.

Primeiras impressões

1. Parece que o narrador quer despertar algumas sensações no leitor. Quais são essas sensações?

3. Como o narrador se sente ao ver a Casa de Usher e a paisagem ao redor dela? Que explicações ele dá sobre isso?

1. Qual expressão indica em que período do dia o narrador chegou à Casa de Usher?

TEXTO 3

O sinaleiro (parte 1)

“Boa-noite, então, e aqui está minha mão.” “Boa-noite, senhor; aqui está a minha.” Com isso, caminhamos lado a lado até sua cabina, entramos, fechamos a porta e sentamo-nos ao lado do fogo.

“Decidi, senhor”, começou ele, inclinando-se para a frente assim que nos sentamos e falando num tom pouco acima de um sussurro, “que não precisará perguntar duas vezes sobre o que me perturba. Tomei o senhor por outra pessoa ontem à noite. O que me perturba”.

“Esse engano?”

“Não. A outra pessoa.”

“Quem é ela?”

“Não sei.”

“Parecida comigo?”

“Não sei. Nunca vi o rosto. O braço esquerdo está na frente do rosto, e o braço direito está acenando. Acenando com violência. Assim.”

Segui seu gesto com meus olhos e era o de um braço a agitar-se com extrema comoção e veemência. “Pelo amor de Deus, saia do caminho!”

“Numa noite enluarada”, disse o homem, “eu estava sentado aqui quando ouvi uma voz gritar: ‘Alô! Aí embaixo!’”. Fiz um movimento, olhei daquela porta e vi essa pessoa de pé, ao lado da luz vermelha perto do túnel, acenando exatamente como lhe mostrei agora. A voz parecia rouca de tanto gritar e gritava: ‘Cuidado! Cuidado!’”. E depois novamente: ‘Alô! Aí embaixo! Cuidado!’”. Peguei minha lanterna, acendi a luz vermelha e corri em direção à figura, dizendo: ‘O que há de errado? O que aconteceu? Onde?’”. Eu estava perto da escuridão ter a manga diante de seus olhos. Corri para ele e, quando estendi minha mão para puxar a manga, ele desapareceu.”

“Dentro do túnel?”, indaguei.

“Não. Corri para dentro do túnel, quinhentas jardas. Parei e levantei minha lanterna acima da cabeça e vi as figuras de uma certa distância e as gotas de umidade descendo pelas paredes e escorrendo pelo arco. Corri para fora novamente, mais rápido do que correria para dentro dele (pois tenho um pavor mortal do lugar) e olhei tudo em volta da luz vermelha com a minha própria luz vermelha e subi a escada de ferro até a galeria acima e descí novamente, correndo de volta para cá. Telegrafei para ambos os lados: ‘Houve um alerta. Alguma coisa errada?’”. A resposta de ambos foi: ‘Tudo certo!’”.

Afastando o lento toque de um dedo gelado a subir pela minha espinha, expliquei-lhe que aquela imagem devia ser uma ilusão de óptica e que se sabia que essas imagens, originadas por doença dos nervos delicados que comandam as funções dos olhos, muitas vezes perturbavam os pacientes, alguns dos quais haviam reconhecido a natureza de sua ansiedade e até mesmo comprovando-a por experiências

Clipe

O que fazia o sinaleiro?

O sinaleiro avisava que a seção estava livre para receber um novo trem. Havia várias caixas de sinalização, e as mensagens entre elas eram transmitidas por um sistema de códigos de campainhas, via telégrafos elétricos.

Quem é?



Retrato de Charles Dickens, Londres, século XIX.

Charles Dickens (1812-1870), considerado um dos mais importantes escritores ingleses do período vitoriano, escreveu obras que denunciavam muitos dos problemas da sociedade em que vivia: corrupção, miséria, lentidão da justiça, entre outros.

Vários de seus contos e romances foram traduzidos para diferentes línguas e motivaram adaptações para o cinema. Dentre seus textos mais conhecidos estão *Oliver Twist*, *Um conto de Natal* e *David Copperfield*.

consigo mesmos. “Quanto ao grito imaginário”, expliquei, “ouça apenas por um momento o vento nesse vale artificial enquanto falamos com vozes tão baixas e como ele faz dos fios do telégrafo uma harpa extremamente sonora!”

DICKENS, Charles. In: DOBRÁNSZKY, Enid Abreu (Prefácio, seleção e tradução). *Clássicos do sobrenatural*. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 139-150. (Fragmento).

PÁGINA 39/40 DO LIVRO DIDÁTICO

ATIVIDADE DO TEXTO 3

2. Qual é a finalidade das aspas duplas no texto?
3. Qual é a finalidade das aspas simples?
4. Por que a presença do narrador perturbou inicialmente o sinaleiro?
 - Relacione a frase com a qual o narrador cumprimentou o sinaleiro com essa perturbação inicial que ele sentiu.
5. Qual passagem indica que o narrador se assustou com o que ouviu?
6. Quais passagens sinalizam que o narrador prefere acreditar em explicações ligadas ao “mundo real”?